

ALCIPE, NATHERCIA E TIRSE: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS LUZES NO FEMININO NO PORTUGAL DE SETECENTOS

Vera Peixoto
Universidade de Utreque
Países Baixos
v.peixoto@uu.nl

Resumo

O presente artigo desenvolve-se em torno de três damas esclarecidas da sociedade portuguesa de setecentos: D. Leonor de Almeida (1750-1839), ou *Alcipe*; D. Catarina de Lencastre (1749-1824), ou *Nathercia*; e D. Teresa de Mello Breyner (1739-1798?), ou *Tirse*. Sabendo que o século XVIII foi um período marcado por mudança e controvérsia, pela emergência de novos paradigmas, pelo reequacionamento de estruturas mentais e tradições seculares – ainda que em Portugal se experimentasse uma certa resistência às teorias filosóficas emergentes – a questão que lançamos e procuramos analisar é: qual o reflexo destas transformações no universo feminino? Assim, partindo dos três exemplos referidos e a eles tornando, pretendemos problematizar três questões centrais no discurso iluminista – educação, leituras e viagens – observando como estas matérias, assaz discutidas e teorizadas ao longo do século XVIII, se repercutiram na formação feminina em solo português e, por outro lado, analisar o modesto mas expressivo papel que as referidas damas assumiram na propagação da cultura das luzes em Portugal.

Abstract

The 18th century was a period of change and controversy throughout the western world, serving as the stage for a shift in paradigms, the reshaping of intellectual structures and the questioning of ancient traditions. The new philosophical theories met with some resistance on Portuguese soil; therefore, it took some time for these changes to take root in Portuguese society. This essay will analyse the lives and works of three enlightened Portuguese women in the 18th century: D. Leonor de Almeida (1750-1839), also known as *Alcipe*; D. Catarina de Lencastre (1749-1824), or *Nathercia*; and D. Teresa de Mello Breyner (1739-1798?), also known as *Tirse*. In analysing the cases of *Alcipe*, *Nathercia* and *Tirse*, the present essay intends to shed some light on how 18th century social and cultural transformations influenced female education in Portugal; moreover, it examines the extent to which the thoughts and theories of 18th century authors on such thoroughly discussed subjects as education, literature and travelling contributed to the enlightening of women. Finally, this essay will also consider the modest yet expressive role played by these three women in the propagation of Enlightenment ideals in Portugal.

Palavras-chave: género, movimento iluminista, educação, leituras, viagens, transgressão, mediação.

Keywords: gender, Enlightenment, education, literature, travelling, transgression, mediation.

Conta-nos Nelson Pôrto Ribeiro, em jeito de introdução à obra *Alcipe e as Luzes*, como “o movimento iluminista do século XVIII na Europa enterrou tradições que permaneciam desde que a cultura humana se estabeleceu”¹. Com repercussões sentidas a todos os níveis da vivência e cultura europeias, o iluminismo transformou a face – e entranhas – do “velho mundo”, sendo responsável “por uma revolução nas estruturas mentais do mundo ocidental muito mais significativa do que a realizada pela própria Revolução Francesa”².

Em terras lusas esta metamorfose assume contornos mais demorados, chegando o supra-citado autor a afirmar que “durante todo o século XVIII prevaleceram as antigas amarras e marcos mentais”³, sentindo-se por conseguinte na sociedade portuguesa uma certa resistência às teorias filosóficas emergentes. As filosofias em confronto nesta centúria portuguesa opunham o secular saber aristotélico às novas posições iluminadas e experimentalistas, e – segundo Aníbal Pinto de Castro – acabaram por tomar formas de “morna querela entre antigos e modernos”⁴, coexistindo ao longo de setecentos. Neste contexto, oscilante entre a mudança e a permanência, viveram as três damas de que nos ocuparemos neste artigo.

Falamos de D. Leonor de Almeida (1750-1839), por casamento condessa de Oyenhausem e posteriormente, por morte do irmão, 4ª marquesa de Alorna⁵, baptizada arcadicamente por *Filinto Elysio* como *Alcipe*⁶. Falamos também de D. Catarina de Lencastre (1749-1824), viscondessa de Balsemão e de pseudónimo

¹ RIBEIRO, Nelson Pôrto. “Para um estudo da cultura e da estrutura mental predominante na sociedade luso-brasileira do século XVIII”, in *Alcipe e as Luzes*. Aníbal Pinto de Castro; José Esteves Pereira; Maria Manuela Delille; Teresa Sousa de Almeida. (Org.). Lisboa: Edições Colibri/ Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, vol.1, p. 11.

² BATTISTI, Eugénio, citado por RIBEIRO, Nelson Pôrto, p. 11.

³ RIBEIRO, Nelson Pôrto, p. 12.

⁴ CASTRO, Aníbal Pinto de. “Alcipe entre Clássicos e Românticos”, in *Alcipe e as Luzes*. Aníbal Pinto de Castro; José Esteves Pereira; Maria Manuela Delille; Teresa Sousa de Almeida. (Org.). Lisboa: Edições Colibri/ Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, p. 388.

⁵ SANTOS, Zulmira C. “Percurso e formas de leitura “feminina” na segunda metade do século XVIII”, in *Revista da Faculdade de Letras «LÍNGUAS E LITERATURAS»*. Porto: XIX, 2002, p. 84.

⁶ CIDADE, Hernâni. *A Marquesa de Alorna*. Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1930, p.17.

anagramático *Nathercia* – diz-se que tal nome fora sugerido por *Alcipe*⁷, com quem aparentemente mantinha uma estreita amizade, apesar de por vezes conturbada⁸. Finalmente trataremos também nestas páginas de Teresa de Mello Breyner (1739-1798?), condessa de Vimieiro, também conhecida como *Tirse* ou mesmo *Tirce*⁹.

Sobre a marquesa de Alorna já foram bastantes estudos realizados, situação que parece não encontrar paridade no caso de D. Catarina e Teresa de Mello Breyner. As questões que neste artigo colocamos apontam para a forma como terá beneficiado este grupo de senhoras portuguesas dos contributos da «Filosofia Moderna» e como, paralelamente, terão elas concorrido para a sua divulgação. Para tal análise, debruçar-nos-emos sobre a educação e leituras femininas no Portugal do século XVIII e sobre o papel das viagens no processo de enriquecimento cultural. Em jeito de conclusão, e apontando para a segunda questão por nós colocada, versaremos sobre o papel de mediadoras que assumiram estas três senhoras ao nível da divulgação científica.

Educação

À luz da problemática da transgressão, reflecte Elias J. Torres Feijó, no seu artigo “*Ad maiorem gloriam ... feminae*”, sobre a influência das Luzes no papel social da mulher. Diz-nos o autor que o iluminismo continha variadas ideias sobre a mulher e suas capacidades, assunto que ocupava lugar cimeiro entre os mais controversos da época. Nomeia, a título de exemplo, figuras como o Padre Benito Feijoo e Rousseau, apresentando uma citação do último:

Les femmes en général, n'aiment aucun art, ne se connaissent

⁷ MOREIRA, Zenóbia Collares. *O Lirismo Pré-Romântico da Viscondessa de Balsemão*. Lisboa: Edições Colibri, 2000, p. 16.

⁸ BORRALHO, Maria Luísa Malato R. D. *Catarina de Lencastre (1749-1824). Libreto para uma autora quase esquecida. tese de doutoramento*. 2 Tomos. Porto: Oficina Gráfica da FLUP, 1999, p. 257.

⁹ VÁZQUEZ, Raquel Bello. “The Countess of Vimieiro and her circle” *Portuguese Studies*, vol.20. Londres: MHRA/Maney Publishing, 2004, p. 89.

à aucun, et n'ont aucun génie. Elles peuvent réussir aux petits ouvrages (...) Elles peuvent acquérir de la science, de l'érudition, des talents, et tout ce qui s'acquiert à force de travail. Mais ce feu céleste qui échauffe et embrasse l'âme, ce génie qui consume et dévore, cette brutale éloquence, ces transports sublimes qui portent leurs ravissements jusqu'au fond des cœurs, manqueront toujours aux écrits des femmes ; ils sont tous froids et jolis comme elles¹⁰.

Apontado como opositor do francês a este propósito, reconhece o beneditino Feijoo na sua “Defesa de las Mujeres” ao sexo feminino “amplitud para todo género de ciencias y conocimientos sublimes”¹¹. Em Portugal, diz-nos Torres Feijó que em termos educativos dominavam normas “at the service of a supposed bourgeois family stability”, como as formuladas por Verney – de quem trataremos mais adiante –, que postulavam a necessidade de formar a mulher como mãe e educadora de futuros homens, e como dona de casa que necessitava da matemática para gerir os gastos do lar¹².

Mas aprofundemos um pouco esta matéria. O tema da educação vinha há já alguns séculos a ocupar escritores que exprimiam nas suas obras a necessidade de instruir as crianças, tanto cultural como moralmente. Ou como referido por Maria de Lurdes Correia Fernandes:

[A] valorização da educação moral infantil e juvenil e o acento na responsabilidade dos pais em, pelo menos, a iniciarem seria, ao longo do século XVII – e ainda nas primeiras décadas do século XVIII – desenvolvida e

¹⁰ ROUSSEAU, J. J. citado por FEIJÓ, Elias J. Torres. “*Ad maiorem gloriam ... feminae*: Enlightened Women and the Introduction of Models in Portugal During the Second Half of the Eighteenth Century”, in *Portuguese Studies*, vol.20. Londres: MHRA/Maney Publishing, 2004, p. 76

¹¹ FEIJOO, Benito. *Obras Escogidas del Padre Feijoo*. ed. preparada por D. Agustin Mittares Carlo. Madrid: Atlas Ediciones, 1961, p. 50.

¹² FEIJÓ, Elias J. Torres, p. 76.

*aprofundada em várias obras, nomeadamente em obras portuguesas*¹³.

Por outro lado, como é sabido, a educação era uma das grandes preocupações do iluminismo, o trilha para sair das *sombras*, caminhando para a *luz*. E em palco português, cultura, conhecimento, erudição e a forma como estes deviam ser ministrados tornou-se fonte de controvérsia, marcada principalmente por uma longa disputa entre Jesuítas e Oratorianos, cujos pontos altos envolveram as questões do ensino da gramática latina e da «Filosofia Moderna».

É com *O Verdadeiro Método de Estudar*, obra publicada primeiramente em Nápoles em 1746 e mais tarde atribuída ao exilado Luís António Verney, que se “inicia uma das polémicas mais extensas e prolongadas da nossa história cultural (...) que durou com intensidade até ao terramoto, prolongou-se até 1764 e passou a fronteira com a sua tradução castelhana em 1757-60”¹⁴. Numa série de 16 cartas, através da figura *Barbadinho da Congregação de Itália*, o estrangeirado Verney faz “uma crítica radical da mentalidade escolástica então dominante na Península”¹⁵ – identificada largamente com a Companhia de Jesus e os seculares métodos da sua *Ratio Studiorum*, mas que também leva Oratorianos e outros a sentir-se atingidos, tornando-se abertamente opositores de Verney¹⁶. Entre eles destaca-se o Padre João Baptista do Oratório, com a sua *Philosophia Aristotelica Restituta*, num esforço “para harmonizar a física newtoniana com a metafísica aristotélica, embora contenha a descrição e até a ilustração de experiências científicas”¹⁷. Desencadeia-se assim em Portugal “a polémica decisiva do Iluminismo contra a Escolástica”¹⁸.

Entre os continuadores do Padre João Baptista, encontramos já na segunda

¹³ CORREIA FERNANDES, Mª de Lurdes. *Espejos, Cartas e Guias – Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700*. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa FLUP, 1995, p. 347.

¹⁴ SARAIVA, António José e LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*, 17ª Edição. Porto: Porto Editora, 1996, p. 567.

¹⁵ SARAIVA, António José, p. 567.

¹⁶ SARAIVA, António José, p. 567.

¹⁷ SARAIVA, António José, p. 567.

¹⁸ SARAIVA, António José, p. 567.

metade do século, Padre Teodoro de Almeida, que escreveu entre outras obras a *Recreação Filosófica*. Nesta vasta obra, à semelhança do seu mentor, o oratoriano demonstra tomar uma posição conciliatória e eclética entre peripatéticos e newtonianos. Nas suas próprias palavras “Não me ei-de cingir a nenhuma escola, nem ei-de seguir cegamente a Autor algum determinado; mas o que sinceramente entender, que mais se chega à verdade [*sic.*]”¹⁹.

É este mesmo autor que, na segunda metade de setecentos, dá notícia do «Pensionado» iniciado em 1784 no Mosteiro da Visitação como o primeiro estabelecimento em solo português dedicado especificamente a educar meninas nobres e, aliás, o surgimento deste estabelecimento ao empenho do oratoriano se deve²⁰. No Livro 5º da *História da Visitação*, Teodoro de Almeida descreve o «Pensionado», expondo desta forma o “primeiro programa completo de educação feminina, em termos de aplicação prática” em terras lusitanas, de que há notícia em ambiente conventual²¹. Este texto permite-nos espreitar a educação da nobreza feminina portuguesa nos finais do século XVIII. Conta-nos Zulmira Santos, na sua dissertação de doutoramento:

*este núcleo programático bastante bem definido, apesar de tudo, dirigido a meninas nobres, orientava-se para dois campos diversos: o do desenvolvimento intelectual propriamente dito e o da habilidade manual, nas rendas e nos bordados, como formas úteis de ocupar o tempo livre sem cair na ociosidade*²².

Neste último ponto concorda o oratoriano com Verney, que afirma, em O

¹⁹ ALMEIDA, Teodoro de. *Recreação Filosófica, ou Diálogo sobre a Filosofia Natural, para instrução de pessoas curiosas, que não frequentarão as aulas*. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1757, Prólogo.

²⁰ SANTOS, Zulmira C. “Percurso e formas...” p. 76.

²¹ SANTOS, Zulmira C. *Literatura e Espiritualidade na Obra de Teodoro de Almeida (1722-1804)*, dissertação de doutoramento policopiada. Porto: FLUP, 2002, p. 466.

²² SANTOS, Zulmira C. *Literatura e Espiritualidade...* p. 469.

Verdadeiro Método, ser “o trabalho de mãos” muito necessário “para tirar o ócio, e também para saber administrar bem a casa”²³. De facto, Teodoro de Almeida, na esteira de autores como Verney, Fénelon e Rollin – que na viragem do século XVII para o XVIII teorizam sobre as “vantagens do ensino das mulheres, revalorizando posições humanistas”²⁴ – ou Ribeiro Sanchez, “mostra preocupação na educação feminina, confinando-se ao domínio das Línguas, da Geografia e da História sagrada”²⁵. Mas não teriam as meninas nobres da Visitação acesso ao ensino da «Filosofia Moderna»?

A proposta de Teodoro de Almeida parece negligenciar a área que hoje em dia consideraríamos mais «científica», contrapondo-se às «humanidades», i.e. Geometria, Física ou Aritmética, visto que no texto figura simplesmente e sem mais explicações, o verbo contar²⁶. Pondera Zulmira Santos que talvez faltassem professoras dotadas desses saberes, se bem que, como nos diz a autora, “a avaliar pelo que se conhece da circulação de tais disciplinas, em contexto feminino em Portugal, elas parecem não incorporar os modelos de educação das mulheres nobres em finais do séc. XVIII”²⁷. Acrescenta particularmente sobre os exemplos de finais de setecentos – i.e. as damas sobre que nos propomos debruçar:

*[A] Marquesa de Alorna, a Condessa de Vimieiro ou D. Catarina de Lencastre não parecem ter recebido formação específica nessa área, sendo as referências a Newton, num contexto de «poesia científica», mais produto da divulgação desses saberes que de um conhecimento efectivo da Matemática ou Geometria*²⁸.

²³ VERNEY, Luís António, citado por SANTOS, Zulmira C. *Literatura e Espiritualidade...* p. 471.

²⁴ SANTOS, Zulmira C. *Literatura e Espiritualidade...* p. 472.

²⁵ Apesar de o oratoriano não teorizar a questão, apresentando um modelo concreto de acção. SANTOS, Zulmira C. *Literatura e Espiritualidade...* p. 469.

²⁶ SANTOS, Zulmira C. *Literatura e Espiritualidade...* p. 472.

²⁷ SANTOS, Zulmira C. *Literatura e Espiritualidade...* p. 473.

²⁸ SANTOS, Zulmira C. *Literatura e Espiritualidade...* p. 473.

Acontece que no século XVIII português, ao nível da nobreza, privilegia-se aquilo que se designava como o domínio da «memória», Línguas e História, na educação do sexo feminino e do «entendimento», Geometria, Física e Lógica, na instrução do sexo masculino, apesar de, no caso dos homens, ambos domínios poderem coexistir²⁹. Este programa revela “a escassa ou até nula permeabilidade da nobreza feminina aos paradigmas da «Filosofia Moderna», num tempo em que a respectiva aceitação se tinha já feito e não havia rasto de polémicas”³⁰.

Poderemos dizer que o programa ministrado às meninas da Visitação corrobora a visão expressa por Torres Feijó que referimos inicialmente, munindo a mulher com as ferramentas culturais e morais adequadas (e não mais que as necessárias) para ser mãe, futura educadora e dona de casa competente. Não podemos no entanto esquecer uma tão importante componente da vida social da época como era a sociabilidade de salão, para que este paradigma de educação parece bem preparar as meninas nobres. Com efeito, privilegiava-se, neste programa:

*a preparação de um padrão de sociabilidade que ia de encontro à voga das assembleias e salões, enfatizando a competência nas línguas vulgares e na música, como se intentasse, através dessas jovens aristocratas, desenvolver, ainda muito salesianamente, modelos de comportamento devotos dotados, todavia, das qualidades para brilharem nos círculos de palácio, evidenciando a capacidade de perfeição em qualquer estado e fazendo das cortes modelos a imitar*³¹.

Mas o «Pensionado» foi um caso e não a regra, e como dissemos, apenas apareceu no final do século. O espaço privilegiado das meninas nobres para o

²⁹ SANTOS, Zulmira C. *Literatura e Espiritualidade...* p. 478.

³⁰ SANTOS, Zulmira C. *Literatura e Espiritualidade...* p. 478.

³¹ SANTOS, Zulmira C. *Literatura e Espiritualidade...* p. 473.

estudo era a casa, o convento ou o salão e os agentes educacionais eram geralmente homens, exceptuando casos como o de Marquesa de Alorna, que parece ter tido como professora, em Chelas e mesmo posteriormente, Teresa de Mello Breyner³². A própria Marquesa parece ter desempenhado largamente o papel de professora não só para meninas, como para rapazes, começando por suas filhas³³. Hernâni Cidade refere que quando estava D. Leonor em Almeirim poderia ser surpreendida a ocupar-se “da educação das raparigas do campo, ensinando-lhes leitura e trabalhos domésticos...”³⁴, isto apesar de Torres Feijó concordar que tanto D. Leonor como a Condessa do Vimieiro partilhavam de uma perspectiva elitista da educação³⁵.

Leituras

Quanto a leituras, até que ponto teriam as senhoras esclarecidas em Portugal acesso à divulgação científica? Em primeiro lugar, nunca é tarde lembrar que quando se fala de senhoras esclarecidas (*Enlightened women*) apenas nos referimos a uma fracção reduzida da sociedade, i.e. senhoras nobres ou de estatuto semelhante – como mais tarde mulheres pertencentes à burguesia ascendente³⁶. Recordemos também como nesta época é bem visível a preocupação com a divulgação científica, nomeadamente em língua vulgar – em oposição ao latim em que se usava «escrever ciência», que restringia o público alvo – pois, como afirma Teodoro de Almeida no prólogo à *Recreação Filosófica*, pareceu-lhe “crueldade barbara obrigar a ser ignorantes aos que, por descuido de seus Pais e Mestres, não sabem outra língua mais que a sua vulgar [*sic.*]”³⁷. Mas a verdade é que “em momento algum da *Recreação*, no conjunto de oito volumes de divulgação científica, contempla referências a sectores

³² FEIJÓ, Elias J. Torres, p. 79.

³³ FEIJÓ, Elias J. Torres, p. 79.

³⁴ CIDADE, Hernâni, p.33.

³⁵ FEIJÓ, Elias J. Torres, p. 87.

³⁶ FEIJÓ, Elias J. Torres, p. 87.

³⁷ ALMEIDA, Teodoro de, Prólogo.

femininos ou integra no diálogo alguma mulher”³⁸. Isto entende-se se tomarmos em conta que:

*mesmo considerando esta vontade global de divulgar saberes no âmbito da «Filosofia Moderna», as mulheres em geral e as senhoras nobres em particular não parecem, em Portugal, nesta segunda metade do século XVIII, ter integrado tal projecto de difusão, mais orientado para «cultivar», pelo menos do ponto de vista das intenções, elementos masculinos da nobreza, militares e comerciantes*³⁹.

Para além disso, talvez as «Senhoras» da primeira nobreza não tivessem largo acesso a leituras de «Filosofia Moderna» “porque essas fossem, apesar da mudança dos tempos, tidas como ante-câmara de outras mais perigosas em termos espirituais e religiosos”⁴⁰. Quanto às nossas três damas, estas poderiam constituir uma excepção, um “grupo relativamente isolado, do ponto de vista documental, de leituras «eruditas» no âmbito da «Filosofia Moderna». E mesmo assim, tais leituras apresentam-se como mais supostas, adivinhadas ou subentendidas que documentadas”⁴¹. Paralelamente, observa-se que os seus conhecimentos no já referido domínio do «entendimento», como Matemáticas, Lógica ou Geometria “pareçam ser absolutamente laterais na formação intelectual (...) presas a um paradigma de aquisição de saber que revelaria, sobretudo, para usar as palavras de D. João, em 1747, do âmbito do «literário»”⁴² – o que está de acordo com as conclusões acima referidas em relação à educação das meninas aristocratas da Visitação.

³⁸ SANTOS, Zulmira C. “Percursos e formas...” p. 77.

³⁹ SANTOS, Zulmira C. “Percursos e formas...” p. 77.

⁴⁰ SANTOS, Zulmira C. “Percursos e formas...” p. 85.

⁴¹ SANTOS, Zulmira C. “Percursos e formas...” p. 84.

⁴² SANTOS, Zulmira C. “Percursos e formas...” p. 84.

Viagens

Uma das formas mais típicas da época das luzes de adquirir conhecimento era viajar – aliás, o acto de viajar era, por si só, um acto iluminista⁴³. Como aponta Adélia Maria Caldas Carreira:

[A] presença de portugueses no estrangeiro (na Itália como «bolseiros» do rei, e na Inglaterra, França, Áustria, etc. como diplomatas) e de um crescente número de estrangeiros entre nós (artistas, diplomatas, viajantes, comerciantes, etc.) contribuiu decisivamente para a troca de ideias de todo o tipo e em todos os domínios do saber⁴⁴.

Acontecia frequentemente que os portugueses viajados se apercebiam do atraso científico e cultural do seu país – voltando com ideias reformistas que a muitos «estrangeirados» valeram perseguições⁴⁵. Por outro lado, Portugal é muitas vezes descrito e olhado pelos visitantes – com rasgos de etnocentrismo – como “terra exótica onde falta cultura e ainda sobrevivem costumes semibárbaros”⁴⁶.

Mas de que forma atinge esta prática as senhoras esclarecidas em Portugal? Segundo Feijó, “In some cases, going abroad was a way for these women to free themselves from pressures in their own milieu and to gain access to new opportunities for learning”⁴⁷. Foi o caso de D. Catarina de Lencastre que, apenas aquando da sua partida para a capital inglesa em 1774, acompanhando o diplomata seu marido Luís Pinto Coutinho, se apercebeu do quanto a sua educação havia sido

⁴³ RIBEIRO, Nelson Pôrto, p. 12.

⁴⁴ CARREIRA, Adélia Maria Caldas. “O Iluminismo e as práticas urbanísticas em finais de Setecentos” in *Alcipe e as Luzes*. Aníbal Pinto de Castro; José Esteves Pereira; Maria Manuela Delille; Teresa Sousa de Almeida. (Org.). Lisboa: Edições Colibri/ Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, vol.1, p. 61.

⁴⁵ CARREIRA, Adélia Maria Caldas, p. 61

⁴⁶ RIBEIRO, Nelson Pôrto, p. 13.

⁴⁷ FEIJÓ, Elías J. Torres, p. 80.

lacunar, e diz-se “que pouco após ter chegado a Londres, tomou a resolução de não aparecer em sociedade durante um ano” num projecto de “lagarta que se quer borboleta”⁴⁸. Traçando um plano intelectual rigoroso e disciplinado, D. Catarina estuda as línguas francesa, inglesa, italiana e lê “os mais conhecidos autores daquelas literaturas”⁴⁹, abrindo de seguida as portas dos seus salões à sociedade inglesa.

Foi também o caso de D. Leonor que, apesar de já ter adquirido em Chelas uma formação cultural e literária vasta e variada⁵⁰, encontra nas suas deambulações pela Europa – nomeadamente por Espanha, França, Alemanha e Áustria⁵¹ – um extraordinário alargamento cultural⁵². A essas viagens deveu aquilo que se poderá chamar uma “rápida e completa actualização do seu saber literário”⁵³, complementado pelo impagável contacto directo com algumas das figuras mais ilustres da Europa das Luzes. Como carinhosamente comenta Hernâni Cidade “Se o Conde [de Oyenhousen] morreu sem deixar fortuna a sua mulher, legou-lhe, entanto, uma rica e bela herança espiritual: - tudo quanto, em viagens (...) lhe tinha fecundado e ampliado a alma”⁵⁴.

Transgressão e mediação

Ainda que num espaço restrito, a filosofia das luzes “led to the opening of «a space of possibilities» inaccessible to women up to that time”⁵⁵, i.e., permitiu às mulheres, segundo Torres Feijó, assumir um papel mais activo no programa das

⁴⁸ BORRALHO, Maria Luísa Malato R, p. 216.

⁴⁹ BORRALHO, Maria Luísa Malato R, p. 217.

⁵⁰ CASTRO, Aníbal Pinto de, p. 391.

⁵¹ CIDADE, Hernâni, p. 30.

⁵² CASTRO, Aníbal Pinto de, p. 392.

⁵³ CASTRO, Aníbal Pinto de, p. 392.

⁵⁴ CIDADE, Hernâni, p. 30.

⁵⁵ FEIJÓ, Elías J. Torres, p. 75.

luzes⁵⁶. Conscientes das suas limitações de intervenção enquanto mulheres, pois “[they] were fully aware of dominance and class”⁵⁷ e da “impossibility of free public intervention”⁵⁸, optaram por uma participação menos pública, mas nem por isso menos digna de nota. Desta forma, sugere o autor, adoptam estratégias de defesa da exposição pública, como o anonimato⁵⁹ no caso de Teresa de Mello Breyner ou mesmo a modesta referência de *Alcipe* à sua “pobre condição feminina” expressa em cartas⁶⁰. No caso da Condessa de Vimieiro, tanto o facto de escrever em forma de romance ou tragédia – géneros considerados ideais “for the introduction of models of an Enlightened character”⁶¹ e por isso geralmente reservados ao sexo masculino como agentes privilegiados da intervenção na esfera pública⁶² – como o próprio acto de ter obra publicada, podiam por si só custar-lhe a reputação⁶³.

Escolhiam então estas mulheres agir em pequena escala, patrocinando sociabilidade de salão e contacto com novas ideias e filosofias⁶⁴ – diz-se de *Alcipe* e Catarina de Lencastre que mantiveram em Lisboa “um cenáculo literário de grande nomeada” e bastante frequentado pela intelectualidade da época⁶⁵. Quando habitava D. Catarina a Casa Nobre de Lázaro Leitão, na Junqueira, conta *Filinto Elysio* que sua casa era “freqüentada [*vis*] pelo que havia de mais distinto no país e pelos estrangeiros que vinham a Portugal, e buscavam gozar os encantos de sua conversação”⁶⁶. Quanto à Marquesa de Alorna e o caso concreto da cultura germânica, saiba-se que o facto de ser vista como a primeira mediadora entre a literatura portuguesa e a literatura alemã não se deve somente às várias traduções

⁵⁶ Referimo-nos, claro, a um grupo restrito de mulheres, e em Portugal bastante restrito, quase reduzido, se não totalmente, às três senhoras de que nos ocupamos.

⁵⁷ FEIJÓ, Elias J. Torres, p. 81.

⁵⁸ FEIJÓ, Elias J. Torres, p. 82.

⁵⁹ Que seria, de resto, prática corrente entre ambos os sexos em Portugal de setecentos. VÁZQUEZ, Raquel Bello, p. 94.

⁶⁰ FEIJÓ, Elias J. Torres, p. 81.

⁶¹ FEIJÓ, Elias J. Torres, p. 84.

⁶² FEIJÓ, Elias J. Torres, p. 83.

⁶³ VÁZQUEZ, Raquel Bello, p. 95.

⁶⁴ A *Sociedade da Rosa*, organização semi-clandestina impulsionada pela Marquesa de Alorna será disso testemunho. FEIJÓ, Elias J. Torres, p. 86.

⁶⁵ MOREIRA, Zenóbia Collares, p. 16.

⁶⁶ ELÍSIO, Filinto citado por MOREIRA, Zenóbia Collares, p. 17.

que fez, “mas sim no seu papel de anfitriã de jovens poetas e escritores, aos quais deu conhecimento da vida cultural dos países de língua alemã”⁶⁷. Através de *Alcipe*, as relações de intertextualidade entre as duas literaturas faziam-se “pela primeira vez, pelo menos com esta dimensão e amplitude, sem recorrer ao papel mediador da França”⁶⁸, o que lhe valeu o nome de Staël portuguesa, pois, como dizia Alexandre Herculano, “Como Mme de Staël ela fazia voltar a atenção da mocidade para a arte da Alemanha, a qual veio dar vida nova à arte meridional”⁶⁹.

Como ficou acima referido, também as traduções – e imitações – que D. Leonor fez de obras de autores alemães – entre as quais se destaca a tradução de muitos cantos de *Oberon* de Wieland para português⁷⁰ – muito contribuíram para o epíteto que Herculano lhe atribuiu. O mesmo se passa com as traduções de D. Teresa – como a de *Osmia* de Marie-Caroline Murray⁷¹. O papel desta actividade não pode ser subestimado pois, subscrevendo as palavras de Itamar Even-Zolar a propósito da função da tradução na sociedade portuguesa de finais de setecentos:

*When new models are emerging, translation is likely to become one of the means of elaborating a new repertoire (...) the texts are chosen according to their compatibility with the new approaches and the supposedly innovatory role they may assume within the target literature*⁷².

Da mesma forma, as composições epistolares, que circulavam numa esfera semi-privada, são um meio de comunicação privilegiado para partilhar e difundir

⁶⁷ EHRHARDT, Marion. “As relações germânicas da Marquesa de Alorna”, in *Alcipe e as Luzes*. Aníbal Pinto de Castro; José Esteves Pereira; Maria Manuela Delille; Teresa Sousa de Almeida. (Org.). Lisboa: Edições Colibri/ Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, vol.1, p. 261.

⁶⁸ CASTRO, Aníbal Pinto de, p. 392.

⁶⁹ HERCULANO, Alexandre citado por EHRHARDT, Marion, p. 261.

⁷⁰ EHRHARDT, Marion, p. 259.

⁷¹ VÁZQUEZ, Raquel Bello, p. 91.

⁷² EVEN-ZOLAR, Itamar citado por VÁZQUEZ, Raquel Bello, p. 92.

projectos e exercer influência⁷³.

Evitando a exposição pública, sugere Torres Feijó que estas senhoras optavam de certa forma por influenciar «através dos homens»⁷⁴. Vejamos o exemplo da Condessa de Vimieiro e o seu papel como impulsionadora da Academia das Ciências em 1779. Graças ao seu esforço, anos mais tarde convertia-se a Academia em «Real» Academia das Ciências sob protecção mariana. Mas Teresa de Mello Breyner não aparece – naturalmente – na lista de fundadores. Antes aparece o nome de seu amigo Duque de Lafões e de seu marido – apesar deste último aparentemente não se ter dedicado tanto como a mulher ao projecto⁷⁵. Muito empenho mostrou a Condessa nesta iniciativa, que se propunha encorajar o trabalho na área das ciências e literatura, e demonstra, numa carta a *Alcipe*, a impossibilidade – que lhes era comum – de obter visibilidade nessa esfera:

Eu te agradeço por toda ella [Academia], o interesse, que mostras pelo seu progresso, e se os nossos costumes o permitissem tu certamente estavas na lista [de académicos]; mas as tuas Luzes são tais, que podem ajudala muito comunicalhas, que eu fico por porq toda a boa gente que a compoem se te mostre agradecida [sic.]⁷⁶.

Evitando (dentro do possível) a controvérsia advinda das suas acções interventoras, estas senhoras esclarecidas de Portugal não deixaram, no entanto, de muito contribuir para a vida cultural do país e como prova disso figuram as homenagens que grandes vultos da época lhes prestaram e os méritos que lhes reconheceram. No caso de D. Catarina, refere Collares Moreira “a quantidade de poetas e poetisas que lhe dedicaram poesias e obras poéticas”, a D. Leonor

⁷³ FEIJÓ, Elias J. Torres, p. 84.

⁷⁴ FEIJÓ, Elias J. Torres, p. 85.

⁷⁵ FEIJÓ, Elias J. Torres, p. 85.

⁷⁶ IAN-TT, Casa Fronteira-Alorna, nº 223 citado por VÁZQUEZ, Raquel Bello, p. 96.

valeram-lhe as “referências, (...) algumas traduções livres” e “imitações de poemas de Safo (...) o cognome de Safo portuguesa”⁷⁷ e a mediação luso-germânica a alusão a uma «Staël portuguesa».

Concluindo, é verdade que o seu contributo foi sempre conscientemente modesto e reservado, que actuaram nos bastidores das grandes transformações culturais que se viviam na época, mas mesmo assim estas três damas são ainda hoje lembradas pela sua erudição e amor às artes, pelo seu papel de mediadoras, incentivando a troca de ideias e contactos através dos círculos literários que fomentavam, dos textos que traduziam e produziam ou influências que cultivavam.

Tal só se revelou possível devido à conjuntura vivida em Portugal de setecentos, às querelas científicas e mudanças estruturais que lentamente se operavam, pois, ainda que o acesso feminino à educação continuasse balizado pelas necessidades inerentes ao governo da casa, educação dos filhos e sociabilidade de salão; ainda que a divulgação científica não fosse às mulheres dirigida e abundantes leituras fossem todavia desaconselhadas, a verdade é que a controvérsia gerada em torno das teorias filosóficas emergentes, o reacender de discussões sobre as vantagens do ensino das mulheres, as polémicas científicas e o questionamento de paradigmas criaram um panorama cultural mais permeável à mudança e mais acessível ao sexo feminino.

Para além da sua natural curiosidade e engenho, condições que as terão levado a saber aproveitar a conjuntura e as oportunidades a que tiveram acesso, a excepcionalidade destas figuras deveu-se também em grande medida às viagens que tiveram ocasião de realizar, num exercício de dilatação de horizontes. Assim, acreditamos que *Alcipe*, *Nathercia* e *Tirse* foram fruto e reflexo de um percurso assaz singular, de um contexto específico, alimentado das transformações sentidas no universo cultural português no século XVII, para as quais, como num jogo de espelhos, vieram também posteriormente a contribuir.

⁷⁷ BORRALHO, Maria Luísa Malato R, p. 315.

Bibliografia

ALMEIDA, Teodoro de. *Recreação Filosófica, ou Diálogo sobre a Filosofia Natural, para instrução de pessoas curiosas, que não frequentarão as aulas*. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1757.

BORRALHO, Maria Luísa Malato R. D. *Catarina de Lencastre (1749-1824). Libreto para uma autora quase esquecida. tese de doutoramento*. 2 Tomos. Porto: Oficina Gráfica da FLUP, 1999.

CARREIRA, Adélia Maria Caldas. “O Iluminismo e as práticas urbanísticas em finais de setecentos” in *Alcipe e as Luzes*. Aníbal Pinto de Castro; José Esteves Pereira; Maria Manuela Delille; Teresa Sousa de Almeida. (Org.). Lisboa: Edições Colibri/ Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, vol.1, pp. 59-68.

CASTRO, Aníbal Pinto de. “Alcipe entre Clássicos e Românticos”, in *Alcipe e as Luzes*. Aníbal Pinto de Castro; José Esteves Pereira; Maria Manuela Delille; Teresa Sousa de Almeida. (Org.). Lisboa: Edições Colibri/ Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, vol.1, pp. 383-402.

CIDADE, Hernâni. *A Marquesa de Alorna*. Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1930.

CORREIA FERNANDES, M^a de Lurdes. *Espelhos, Cartas e Guias – Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700*. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa FLUP, 1995.

EHRHARDT, Marion. “As relações germânicas da Marquesa de Alorna”, in *Alcipe e as Luzes*. Aníbal Pinto de Castro; José Esteves Pereira; Maria Manuela Delille; Teresa Sousa de Almeida. (Org.). Lisboa: Edições Colibri/ Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, vol.1, pp. 251-262.

FEIJÓ, Elias J. Torres. “*Ad maiorem gloriam ... feminae*: Enlightened Women and the Introduction of Models in Portugal During the Second Half of the Eighteenth Century”, in *Portuguese Studies*, vol.20. Londres: MHRA/Maney Publishing, 2004, pp. 73-88.

FEIJOO, Benito. *Obras Escogidas del Padre Feijoo*. ed. preparada por D. Agustín Mittares Carlo. Madrid: Atlas Ediciones, 1961.

MOREIRA, Zenóbia Collares. *O Lirismo Pré-Romântico da Viscondessa de Balsemão*. Lisboa: Edições Colibri, 2000.

RIBEIRO, Nelson Pôrto. “Para um estudo da cultura e da estrutura mental predominante na sociedade luso-brasileira do século XVIII”, in *Alcipe e as Luzes*. Lisboa: Edições Colibri/ Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, vol.1. pp. 9-40.

SANTOS, Zulmira C. *Literatura e Espiritualidade na Obra de Teodoro de Almeida (1722-1804)*, dissertação de doutoramento policopiada. Porto: FLUP, 2002.

_____. “Percurso e formas de leitura “feminina” na segunda metade do século XVIII”, in *Revista da Faculdade de Letras «LÍNGUAS E LITERATURAS»*. Porto: XIX, 2002, pp. 71-110.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*, 17ª Edição. Porto: Porto Editora, 1996.

VÁZQUEZ, Raquel Bello. “The Countess of Vimieiro and her circle” *Portuguese Studies*, vol.20. Londres: MHRA/Maney Publishing, 2004.